

## ESTRANGEIRA NO TEMPO PRESENTE

Loreley GARCIA<sup>1</sup>

*para meu pai.*

Em Butler (1997), o Sujeito culturalmente construído negocia sua construção, mesmo quando ela é predicado de sua própria identidade.

Há uma estratégia de dominação que coloca o Eu em oposição ao Outro e, uma vez que a separação se efetiva, obscurece a capacidade de conhecer e recuperar o Outro. Como na lenda do hermafrodita, termina por aparta-los inexoravelmente.

Nossa herança epistemológica produz os discursos sobre identidade em oposição binária, que estabelece o Eu na/pela oposição reificada, faz da oposição uma necessidade, ocultando o sistema binário.

Para a autora (1997, p.145), as regras da identidade são gerais, assentadas na consistência e repetição da evocação dessas regras, que condicionam e restringem práticas de identidade culturalmente inteligíveis e aceitáveis.

O sujeito não é determinado pelas regras que o geram, mas pelo processo de repetição que reforça as regras, com efeito substancializado.

A possibilidade de ação estaria localizada entre a escolha da variação e a repetição. Daí que é possível a subversão da identidade, o rompimento com o binarismo hierárquico e seus códigos, a possibilidade de contestação para o gênero.

Para Butler, identidade é um efeito, não é determinada, artificial ou arbitrária. A identidade é passível de reconceitualização, podendo ser produzida ou gerada, possibilitando ações inéditas, impensadas, mudando a vida e o mundo.

Quando se trabalha com história de mulheres, para entendê-las há que penetrar na comunidade de destino, praticar o exercício da compaixão, perceber o destino daquele que se observa, na história que narra. Entender inclusive o absolutamente Outro, com o mínimo de empatia, e reconhecer a história de toda uma geração como sua própria história, reescrita a partir de outras escolhas.

Chauí (apud Bosi) disse que a densidade da história pessoal faz descer ao fundo da abjeção e ascender ao ápice da redenção. Será?

Existe o que ela chamou de mapa afetivo dos lugares, cujo papel seria mitigar o intolerável grau de desenraizamento a que nos submetemos quando nos tornamos estrangeiras. Este mapa formata nossa memória afetiva, nos remete a fontes primárias de socialização, como

---

<sup>1</sup> Professora do PPGS e PRODEMA/UFPB

a família, a escola, a vizinhança, pessoas e lugares. Remete ao tempo da memória individual e social, repercute no modo de lembrar.

"Tecelagem na qual se unem fios de relatos de solidão."

Bosi (1979), escrevendo com brilho e sensibilidade sobre vida e memória de velhos, disse que a memória individual está marcada pela memória social, uma "fronteira onde o indivíduo se cruza com sua cultura".

A autora cita Bérqson para definir a operação da memória. Nossa percepção atual é diferente da lembrança do passado.

Retoma o conceito de memória na Grécia - vidência e êxtase, conselho e profecia, a fonte do presente, memória como faculdade épica por excelência.

*Mnemosyne*, a recordadora do panteão grego, irmã de Cronos e Okeanos, mãe das musas, condutora do coro, entrelaça a função poética ao sobrenatural, já que poema é forma de possessão e delírio divino. Interpretar *Mnemosyne* exige estar possuído pelas musas, assim como Cassandra, a profetiza, é possuída por Apolo (op.cit.p.47).

Memória funciona como um repositório das sensações subjetivas, um tipo de conhecimento das coisas. O passado sobrevive como lembrança ao ser ativado pelos sentidos.

Os olhos captam o mundo de uma forma mais precisa e detalhada que os ouvidos, mas somos mais sensibilizados pelo que ouvimos. Já o olfato fareja informações, os aromas têm o poder de evocar lembranças, vividas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas.

O passado é conservado nos odores sazonais de goiaba que emanavam do terreno nos fundos da escola, na austeridade do cheiro das velas depois da Quaresma, no som do realejo que toca nas tardes frias que despertam o desejo de aconchêgo ou a sensação de abandono. A memória olfativa é capaz de nos remeter a uma pequena rua de Paris a partir do simples aroma que vem da charutaria atrás do mosteiro de São Bento. Uma maçã esquecida na bolsa, impregnada do cheiro de couro, resgata as viagens de trem da infância. Um aroma e revivo o shuk árabe em Jerusalém, as estações de trem de Berlim, as sequoias da califórnia. Aromas, sons, temperaturas, sabores... Riqueza de sensações ausentes do filme e da foto, sera que um dia irão reproduzir a intensidade das nossas sensações?

Falar de memória é falar de saudade, as saudades do que não existe mais, um tempo que se foi, um Eu que já não existe, que foi suplantado por outros "eus" significantes, que se superpõem em camadas e transformaram a realidade em lembrança.

Em Bosi, a comunidade de destino com os velhos tinha as marcas das pedras do Viaduto do Chá, das escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, no tempo em que a cidade era amena. Hoje, os edifícios e viadutos ainda estão no lugar, mas a tranqüilidade do passeio pelas pedras da cidade tornou-se uma corrida insana tentando escapar das cortadeiras, dos

homens-placas, dos vendedores ambulantes e dos pedintes. Sobrou só a dolorosa lembrança ante a degradação da pobreza, da feiúra, da violência. A decadência ocupa o espaço do que foi um dia o Centro, o coração de uma cidade.

Perdeu-se a amenidade, restaram velhas registradoras de metal, portas pantográficas nos elevadores e livrarias que teimam em continuar existindo; restou a barbearia da esquina, de onde emanam os odores de que falava Drummond:

"Ah, abre os vidros de loção e abafa o insuportável mau cheiro da memória!"

A lembrança está lá, em estado latente, sob a consciência. Pode ser despertada por um aroma, uma voz, uma tarde... A memória vive no reino de sombras do inconsciente.

A função da memória não é reconstruir ou anular o tempo, ela se localiza no espaço desconhecido entre o mundo dos vivos e o além, evoca, trabalha Anamnesis - reminiscência (op.cit.p.48).

A memória tem o poder de refazer o passado e, neste refazimento, pode-se descartar o que se recusa. Ela traz dor ou vergonha, mas as idéias do presente, os preconceitos da sociedade, estão alertas, observando a construção do passado e interferindo na construção das narrativas. A composição da biografia obedece a critérios de aceitabilidade e valores ideológicos do mundo vivido/real/hodierno, mas encontra seu limite um momento aquém, um único momento antes de atingir a dor.

Em Stern ( apud Bosi), há um trabalho qualitativo do sujeito sobre o passado. Nele, o passado é conservado sob a forma mais apropriada ao sujeito.

"O indiferente é descartado, o desagradável alterado, o confuso delimitado, o trivial elevado a insólito, forma-se um novo quadro sem que haja desejo de falsificá-lo."

Das manhãs de domingo, fica o sol que entra pela janela e cai sobre o jornal, fica o gosto de queijo ralado; foi-se a sensação de coisa agonizante depois da noite do sábado, quando tudo estava por acontecer.

A narração da própria vida enreda narrativas da história de um tempo, de um país, de uma cultura com seus preconceitos, crenças e valores. Justificando atos, escolhas, sonhos e temores, revelo os papéis possíveis de um tempo de vida num dado momento histórico. Sobretudo quando se estuda gênero, a história de vida é uma das armas mais valiosas para decifrar o que mudou de geração a geração e o que se recusou e permaneceu intacto.

Assim, as narrativas costumam ter um sabor já descrito pelo mendigo de Pessoa:

"Meio amargo, mas é o MEU coração".

A Grande Memória, a História, os eventos trágicos, tudo isso é relativizado conquanto não sacudam a vida miúda, a tranqüilidade doméstica, a rotina diária de parques e bicicletas, das compras, do caminho para a escola, de partilhar a vida com os que amamos.

Já vi muitas revoluções... tudo continuou na mesma (Bosi, op.cit.p.29).

As pessoas que nasceram na década de 60 direta ou indiretamente, trazem as seqüelas por terem sido criadas e vivido sob a ditadura militar, o golpe que suprimiu o estado de direito e as liberdades democráticas.

Algumas se recordam/viveram/participaram dos momentos de rebeldia que explodiam em vários lugares do mundo, outras só lembram da repressão e há as que nem isto, só portam na alma as conseqüências de viver numa sociedade constituída pelo medo e pela repressão, anti-democrática.

Eu me lembro da manhã de 1º de abril, não houve aula nesse dia, ouvimos pelo rádio, por causa da revolução. Também por causa dela era perigoso sair as ruas, lembro da apreensão, porque ninguém sabia o que estava para acontecer.

Lembro de 68, da mãe voltando mais cedo do trabalho porque as ruas do centro estavam cercadas pela polícia e cavalos, ia haver manifestação, era perigoso ficar na rua.

Revejo os cartazes procurando terroristas, todos com cara de gente normal, notícias de assaltos a bancos. Mas lembro, sobretudo, da foto publicada no "Jornal da Tarde" com os presos políticos que seriam trocados por um embaixador. Li a carta dos seqüestradores e o que mais me impressionou foi a moça na cadeira de rodas, saída dos porões da ditadura. Foi aí que se fez a luz. Descobri como era o país em que eu vivia. Lembro desse momento como a perda da inocência, toda a minha geração leva esta marca, com maior ou menor profundidade.

Um dia, quando envelhecer, quero contar que em 75 fugi da escola para ir a Sé assistir à missa pela morte do Herzog; pouco depois, no Largo de São Francisco, ainda secundarista, corri dos cachorros que o coronel Erasmo nos jogava em cima. Eu direi: Pois é, eu estava lá! E estive em todos os momentos que marcaram as lutas pelas liberdades, do renascimento das greves à reconstrução dos partidos.

Muda-se, muda-se para que tudo se mantenha como sempre. As mudanças não operam do exterior para o interior, senão o contrário. Muitos apostaram na mudança externa, o século XXI mostrou que perderam feio...

Se nenhuma forma de vida deve ser excluída da humanidade... a mulher, o negro, e todos os infinitos etcaeteras de hoje e de amanhã lutam pela aquisição de novos direitos.

O espaço do desejo é o primeiro passo na construção das utopias.

### **Referências Bibliográficas**

ABU - LUGHOD, Lilá - Writing Womens Worlds. Berkeley, U. C. Press, 1993

ACEVEDO, Luz de Alba & Latina feminist Group - telling to live: Latina Feminist Testemonios. Durham, Duke University Press, 2001

ANDREWS, Peggy - Sisters to Sisters. Women of World share stories of Personal Empowerment. Westport, Bergin and Garvey, 1996

ANZALDUA, Gloria & Moraga, Cherrie - This Bridge called my Back. Boston, Persephone Press, 1981

BEHAR, Ruth & Gordon, Deborah - Women Writing Culture. Berkeley, UCPress, 1995

\_\_\_\_\_ Translated Woman: Crossing the border with Esperanza story. Beacon Press, 1993

\_\_\_\_\_ The Vulnerable Observer: anthropology that breaks your heart. Boston, Beacon Press, 1996

BENJAMIN, Walter - The Storyteller, in Iluminismus. New York, Schoken Books, 1968 p.83;110.

BOSI, Ecleia - Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo, T. A. Queiroz, 1979

BRETTEL, Caroline - We have already cried many tears: Portuguese women and migration. Cambridge, Schenkman Pub. 1982

BUTLER, Judith - Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity. New York, Routledge, 1990

CASTELLS, Manuel - The Power of Identity. Oxford, Blackwell Publishers, 1997

DARDER, Antonia - Culture and Difference: critical perspective on the bicultural experiences. New York, Burgen and Garvey, 1995

HAUG, Frigga - Beyond Female Masochism. London, Verso, 1992

\_\_\_\_\_ Female Sexualization - A colletive work of memory. London, Verso, 1987

- KANNONIER, Finster & Waltraud & Ziegler, M.- Frauen, Leben in Exil. Wien, Boehlan Verlag, 1996
- LAMAS, Marta (org) - El Genero: la construccion cultural de la diferencia sexual. México, M. A. Porrúa - UNAM, 1997
- LAMPHERE, Louise & Rosaldo, Michelle - Gender and Culture in Everyday Life. New York, Routledge, 1997
- MEIS, Maria - Toward a Methodology for feminist Research in Theories of Womens Studies. London, Routledge & Kegan Paul, 1983
- MOHANTY, Chandra - Third World Women and Politics of Feminism. Bloomington, Indiana University Press, 1991
- PATAI, Dafne - Brazilian Women Speak: contemporary life stories. New Brunswick, Rutgers University Press, 1988
- \_\_\_\_\_ Woman Words: the feminist practice of oral history. New York, Routledge, 1991
- PEARSON, Judy & West, R., Turner L.- Gender & Communication. Broene Bluchmark, 1995
- PERSONAL NARRATIVES GROUP - Interpreting Women Lives - Feminist Theory and Personal Narratives. Bloomington, Indiana University Press, 1989
- TRUJILLO, Carla - Living Chicana Theory. Berkeley, Third Women Press, 1998
- WATSON-FRANKE, BARBARA & WATSON, L. - Interpreting Life Histories - an anthropological inquiry. New Jersey, Rutgers University Press, 1985.